

LELAND RYKEN

UMA
INTRODUÇÃO
Literária
À BÍBLIA

SUMÁRIO

Prefácio.....7

Introdução: A leitura da Bíblia como literatura9

Primeira parte: Narrativa bíblica

1. Introdução à narrativa bíblica:
O que você deve saber sobre os relatos da Bíblia.....39
2. Os elementos da narrativa:
Como funcionam os relatos da Bíblia.....59
3. Artisticidade na narrativa bíblica.....105
4. Narrativas de herói.....123
5. Épico145
6. Tragédia167

Segunda parte: Poesia bíblica

7. A linguagem da poesia bíblica183
8. Artisticidade na poesia bíblica217
9. Explicando a poesia bíblica:
O que dizer a respeito de um poema241

10. Tipos de salmos bíblicos.....	265
11. Cântico dos Cânticos.....	317

Terceira parte: Outras formas bíblicas literárias

12. Encômio.....	343
13. Provérbio.....	365
14. Sátira.....	385
15. Drama.....	399

Quarta parte: O Novo Testamento

16. Quão literário é o Novo Testamento?.....	415
17. Os Evangelhos.....	433
18. As parábolas.....	471
19. Atos dos Apóstolos.....	489
20. As epístolas.....	503
21. Poesia, provérbio e hino.....	515
22. Discurso.....	537
23. Apocalipse.....	559

Epílogo:

<i>A poética da literatura bíblica</i>	593
<i>Glossário</i>	601
<i>Índice remissivo</i>	609
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	623

PREFÁCIO

Este é um livro de crítica literária da Bíblia. Seu formato é simples: combina comentários teóricos sobre diversos aspectos literários da Bíblia com exposições de textos selecionados para ilustrar a teoria. Minha intenção é que essa combinação de teoria e ilustração forneça a meus leitores uma metodologia que possam também aplicar a outros textos bíblicos.

Esta edição revisada de *Words of delight* [Palavras de deleite] incorpora em si um texto que constituía, anteriormente, uma obra separada: *Words of life: a literary introduction to the New Testament* [Palavras de vida: uma introdução literária ao Novo Testamento]. A abordagem literária que desenvolvo neste volume combinado é paralela ao que desenvolvi em minha obra *How to read the Bible as literature*,¹ mas o presente livro traz explicações de textos que não aparecem na outra obra.

As notas de rodapé constituem uma lista de fontes que, a meu ver, serão de grande proveito para os leitores consultarem. No final do livro, há um glossário de termos literários.

Wheaton College,
Agosto de 1992

¹Grand Rapids: Zondervan, 1984 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Para ler a Bíblia como literatura e aprender ainda mais com ela*].

INTRODUÇÃO

A leitura da Bíblia como literatura

“Um homem tinha dois filhos.”
“O Senhor é meu pastor.”
“Eis um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres.”

Se esses trechos fossem as únicas informações que tivéssemos sobre a Bíblia, seriam suficientes para dissipar um conceito equivocado comum. Uma vez que a Bíblia é um livro com autoridade religiosa, temos a tendência de pressupor que seja um livro de teologia. Entretanto, se observarmos como a Bíblia apresenta seu material, ela se assemelha mais a uma obra literária do que a qualquer outra coisa. Ela é repleta de narrativas, poemas, visões e cartas. A Bíblia definitivamente *não* é aquilo que, com bastante frequência, imaginamos que ela seja: um esboço teológico acompanhado de textos de comprovação.

Não deveria ser controverso dizer que a Bíblia é um livro extremamente literário. A cada ano, as abordagens dos estudiosos da Bíblia estão se tornando mais literárias. Um sermão expositivo de uma passagem bíblica tem mais em comum com uma abordagem literária da Bíblia do que com os métodos

tradicionais de estudos bíblicos acadêmicos. O propósito desta introdução é investigar o que significa abordar a Bíblia como literatura.

Que tipo de livro é a Bíblia?

A Bíblia é singular. Parte de sua singularidade consiste na combinação de conteúdos que encontramos nela. Três tipos de texto predominam e se mesclam ao longo da Bíblia. Eu os chamarei exposição teológica ou moral, história e literatura.

Os três tipos de texto na Bíblia

Ao falar de exposição teológica, refiro-me a conteúdo deste tipo:

Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, mesmo quando estávamos mortos em nossas transgressões, deu-nos vida junto com Cristo (pela graça vocês são salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestes em Cristo Jesus [...] Pois vocês são salvos pela graça por meio da fé (Ef 2.4-8).

As principais características desse tipo de texto são evidentes. O propósito central é transmitir informação moral ou teológica. Esses textos são fortemente conceituais, e o vocabulário é mais propenso a apresentar abstrações, com termos como *amor*, *misericórdia*, *graça* e *fé*. A estratégia básica consiste em nos falar do tema, e não (como na literatura) recriar uma experiência. Eles apelam para a nossa compreensão intelectual de verdades proposicionais.

Um outro tipo de texto, na Bíblia, é o texto histórico. Ele tem em comum com os textos teológicos o propósito de transmitir informação. Eis um exemplo:

No trigésimo oitavo ano de Asa, rei de Judá, Acabe, filho de Onri, começou a reinar sobre Israel [...] E Acabe, filho de Onri, fez o que era mau perante o SENHOR, mais do que todos os que o antecederam [...] Levantou um altar a Baal na casa de Baal, que ele havia construído em Samaria [...] Acabe fez mais para provocar à ira o SENHOR, o Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que o antecederam (1Rs 16.29-33).

Textos como esse são governados pelo impulso documental de registrar os fatos básicos. Como o exemplo anterior, são expositivos ou informativos. Eles têm o propósito de nos relatar o que ocorreu e não apresentam uma preocupação literária em nos dizer o que acontece de forma universal. Na Bíblia, contudo, os escritos históricos não relatam *apenas* os fatos básicos. Eles dispõem os fatos históricos, de maneira muito evidente, em uma estrutura interpretativa moral e espiritual em que o autor, por exemplo, não hesita em se posicionar contra Acabe.

O terceiro tipo de texto predominante na Bíblia é a literatura. Eis um exemplo:

Ora, a serpente era mais astuta do que qualquer outra criatura selvagem que o SENHOR Deus havia feito. Ela disse à mulher: “Foi assim que Deus disse: ‘Não comam de nenhuma árvore do jardim?’”. E a mulher disse à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário, morrerão’”. Mas a serpente disse à mulher: “Não morrerão. Pois Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal”. Quando a mulher viu que a árvore era boa para dela comer, que era atraente aos olhos e que era desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e souberam que estavam nus; então costuraram folhas de figueira e fizeram aventais para si (Gn 3.1-7).

A passagem fala principalmente à nossa imaginação (nossa capacidade de formar e perceber imagens). Seu propósito central é recriar a cena e o acontecimento com detalhes suficientes para que possamos experimentá-los de forma imaginativa. O escritor cita até mesmo as falas dos personagens, e nada poderia ser mais real e concreto.

O principal objetivo do autor nessa passagem é contar uma história, e não desenvolver um argumento teológico. Enquanto os textos expositivos nos apresentam o preceito, a literatura encarna esse preceito em um exemplo que não apenas ilustra a verdade, mas é, ele próprio, o significado. Uma obra de literatura é encarnacional: dá corpo ao significado. A terminologia literária habitual para falar dessa abordagem é dizer que o escritor de literatura mostra, em vez de dizer.

O relato da Queda ilustra muito bem essa distinção. O autor diz que a serpente era astuta. As ações em seguida mostram essa astúcia. Observamos vários detalhes astutos na pergunta inicial da serpente: “Foi assim que Deus disse: ‘Não comam de nenhuma árvore do jardim?’”. O simples fato de a fala ser em forma de pergunta implica incredulidade em relação a uma ordem de Deus e faz com que ela pareça desarrazoada e arbitrária. A serpente também amplia a proibição de forma sutil ao dizer que Deus tinha ordenado a Adão e Eva que não comessem de *nenhuma* árvore do jardim. A sagacidade da serpente é demonstrada, ainda, nos versículos 4 e 5, em que ela adota um posicionamento mais agressivo ao contradizer Deus diretamente, ao dar a Eva um motivo para comer do fruto, ao disfarçar sua intenção perversa como preocupação benevolente por Eva e ao instilar em Eva a falsa crença de que poderia comer do fruto e permanecer impune.

Ao lermos a história da Queda, percebemos que ela nos fala não apenas do que ocorreu naquele dia fatídico, mas também do que acontece na experiência humana de modo geral. Uma passagem literária como essa é repleta de experiências humanas reconhecíveis. Aqui, revivemos experiências comuns como a tentação, o pecado e a culpa.

A mistura de teologia, história e literatura

Esses são, portanto, os três impulsos que encontramos entremeados ao longo da Bíblia. Um deles geralmente predomina em determinada passagem, mas não necessariamente exclui os outros. O trecho teológico de Efésios traz metáforas como a de um Deus *rico*, a de pessoas *mortas* em seus pecados e a de Deus nos fazer *assentar* com Cristo. O relato histórico sobre o rei Acabe no segundo trecho apresenta uma avaliação espiritual e moral dele e, portanto, deixa implícita uma perspectiva teológica. A narrativa da Queda no terceiro trecho é teologicamente importante e atende ao impulso histórico de registrar o que aconteceu.

Tendo em conta essa mistura de tipos de texto na Bíblia, é evidente que a mesma passagem pode ser abordada por diferentes perspectivas e com diferentes métodos interpretativos. Além de pensar nesses três tipos de texto, portanto, também temos de estar cientes de que há três abordagens de interpretação da Bíblia. A abordagem teológica trata principalmente dos

conceitos morais e teológicos presentes em uma passagem. A abordagem histórica se interessa pelos personagens e acontecimentos a respeito dos quais o autor bíblico escreve. A abordagem literária se concentra nas características do texto das quais tratarei em mais detalhes no restante desta introdução: a concretude experiencial do texto, o uso de gêneros literários, a artisticidade com que o material é apresentado (com ênfase especial na unidade) e as figuras literárias de linguagem.

Literatura como gênero

Gênero é o termo literário empregado para um tipo de texto. A narrativa, por exemplo, é um gênero literário com características identificáveis. Uma abordagem literária da Bíblia se baseia na consciência de que a literatura é um gênero em si, e meu propósito, nas várias páginas que se seguem, é identificar suas principais características.

Realidade em imagens

A característica mais evidente da literatura é que ela retrata o seu objeto. Ela prefere o concreto ao abstrato. É por isso que costuma ser chamada literatura *imaginativa*: dirige-se a nossa capacidade de formar e perceber imagens. Conseqüentemente, o tema da literatura não é informação abstrata, mas a experiência humana.

A tendência da literatura de falar uma linguagem de imagens fica mais evidente na poesia:

Leva-me
 à rocha mais alta que eu,
pois tu és meu refúgio,
 torre forte contra o inimigo.
Que eu possa habitar em tua tenda para sempre!
 Refugiar-me no abrigo de tuas asas! (Sl 61.2-4).

Narradores seguem o mesmo impulso de retratar experiências humanas, em vez de falar a seu respeito. Fazem-no com técnicas como descrição, diálogo e ação dos personagens.